

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte Diário de Imagem Class.: 267  
 Data 04/07/87 Pg.: 05

### Uma orquestra bem regida

# Progresso se sobrepõe aos interesses comuns

A orquestra sinfônica indígena, formada pelos grupos de índios da região amazônica, após anos de luta contra o poderio das empresas de mineração, decidiu ontem pela manhã, numa entrevista coletiva regida pelo delegado Sebastião Amâncio, da Fundação Nacional do Índio (Funai), afinar seus instrumentos e tocar, em uníssono, o mesmo ritmo imposto pelas mineradoras ao admitirem que as empresas vão ajudar os índios na questão do progresso, não se importando com as devastações e invasões, "pois, assim como os brancos, também temos o direito de escolher o que é melhor para nós".

Essa posição, tomada pelos índios reunidos numa das salas da Delegacia da Funai, durante a entrevista coletiva concedida na manhã de ontem, causou estranheza aos jornalistas que para ali se deslocaram, numa posição defendida pelo índio Carlos Eugênio Machado, líder da Região de Pari Cachoera (Rio Negro). "Nós aceitamos as mineradoras porque tínhamos que achar recursos para a solução dos nossos problemas, daí termos achado melhor que uma empresa privada, perante o Governo e perante a Funai, que aceitasse aquilo lá".

Disse ainda que o índio Machado, ao se referir à questão dos missionários que se encontram na área: "Aceitamos isso de bom grado, para evangelizar o pessoal lá, para educar e depois para que a

gente possa avançar pra frente em termos de progresso econômico, social e cultural". Fez questão de frizar que desejam o progresso, através de recursos econômicos e financeiros, "através de empresas que tem que nos ajudar", citando nominalmente a Mineração Taboca, do Grupo Parapanema, que auxilia os indígenas na questão de transportes, comunicação "e de colocar a gente num avanço pra frente perante o Governo e, graças às empresas é que nós já conseguimos conhecer as autoridades competentes do Governo municipal, estadual e nacional".

Contundente em seus pronunciamentos quando candidato a deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT), o líder indígena Álvaro Tukano, que fez pesadas críticas ao Governo denunciando a concessão de exploração às empresas de mineração, ontem também afinou seus instrumentos de sopro e percussão, ao aderir ao movimento indígena pela aceitação das empresas.

Segundo ele, nesse encontro, se discutia basicamente "uma melhor estratégia para nos entendermos melhor como população indígena e acompanhar a situação real do país, analisando as nossas necessidades básicas, que são a área de educação, assistência e saúde".

Para conseguir isso, segundo Álvaro Tukano, "nós precisamos de apoio cons-

titucional do Governo, a partir da própria Funai, mas que no momento ela não dispõe de recursos para nossas razões, daí estarmos fazendo todo o esforço para negociarmos junto ao Governo, diretamente, sem intermediários, ao defendermos a auto-determinação que sempre salamos".

Para o delegado da Funai, que convocou a imprensa para desmentir as acusações publicadas em jornais da cidade, sobre um possível assalto a um posto do órgão, na região do Alalaú, envolvendo "questões financeiras", ao comentar a decisão tomada pelos líderes indígenas "Waimiri-Atroari" e da região do Rio Negro sobre o sinal verde dado às empresas mineradoras, "a Funai analisa e acata as sugestões e, em consenso, toma a decisão julgada pertinente".

Perguntado ainda se essa decisão dos índios não estaria em desacordo com os posicionamentos tomados pelos próprios indígenas de não aceitarem a invasão de suas terras, Sebastião Amâncio respondeu que "a evolução atinge, em determinada época, todos os povos, e isso evidencia uma formação de uma certa posição do que iria ocorrer hoje, de uma realidade já vista "in loco". Eles aderiram a possíveis oportunidades de recursos econômicos mais fluentes, para que possam se integrar à sociedade nacional e usufruir dos benefícios".



Os índios afirmaram, na coletiva à imprensa, que são favoráveis à permanência das mineradoras em suas reservas